

A Bahia Imaginada: Uma Análise Sobre a Construção da Identidade do Ser Baiano no Brasil a Partir de Obras Cinematográficas¹

Cleiton Ruas Gomes²

Filipe Rezende Cruz Pereira³

Flávia Moreira Mota e Mota⁴

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista - BA

Resumo

O artigo apresentado tem como objetivo principal analisar o processo de construção identitária do cidadão baiano, tendo como objeto de estudo obras fílmicas produzidas nos anos de 2007 e 2010. Ao longo da pesquisa e baseado nas teorias estudadas, objetivou-se o julgamento da fidelidade dos filmes investigados na mostra do contexto sociocultural do povo baiano. Foram assistidos os filmes: *Ó paí, Ó* (2007) e *Quincas Berro D'água* (2010). Sabendo da dificuldade da retratação fiel de uma cultura e desconhecendo os interesses dos respectivos diretores das obras, tornou-se necessária uma leitura mais densa em busca de aspectos em comum que venham a caracterizar o baiano nos dois filmes analisados, e posteriormente averiguou-se até onde esse processo de mediação pode motivar a criação de estereótipos sobre o indivíduo e consequentemente à cultura do estado da Bahia.

Palavras-chave: cinema; cultura; estereótipos; identidade baiana; mídia.

Introdução

O cinema, assim como os outros veículos comunicacionais, além de contar histórias, traz novas informações sobre aspectos históricos, sociais e culturais dos ambientes ali expostos. Em consequência disso, o meio se torna, inevitavelmente, um elemento formador de opiniões e apontador de visões. Por isso, é de fundamental importância que os produtores das obras tratem com cuidado o processo de mediação para que os aspectos mostrados não fujam da realidade vivida no ambiente apresentado.

[...] não se trata apenas de contar uma história e sim de criar e produzir ideias. [...] O que guia uma montagem cinematográfica é, antes de tudo, o desenvolvimento de um raciocínio e não apenas uma sucessão de fatos para descrever a história. Através do cinema, as representações sociais retornam a sociedade e é nesse sentido que a interpretação de signos visuais imagéticos tornou-se uma prática pertinente para compreensão de como uma sociedade constrói suas representações (NERY, 2010, p. 25).

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Autor. Estudante de graduação 5º semestre do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, email: cleitonruaspro@hotmail.com

³ Coautor. Estudante de graduação 5º semestre do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, email: filiperezendecruz@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora Mestre do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, email: flaviamota2@gmail.com

Conceituando o processo de mediação, segundo Silverstone (2002, p.33) é a movimentação dos significados de um texto para outro, de um discurso para outro ou de um evento para outro. Há uma constante transformação de significados à medida que a mídia se movimenta, seja na passagem de informações em forma escrita, oral ou audiovisual.

Para a produção de um filme, principalmente quando este tem como objetivo retratar uma cultura, ou aspectos culturais próprios de um lugar, é necessário que anteriormente à produção de fato, se realize um estudo empírico sobre o espaço que será retratado, para que as informações se distorçam o mínimo possível, levando em consideração o público que está fora daquele ambiente e terá acesso ao produto construído, sendo que a visão mostrada servirá de material teórico para a formação do conceito dos telespectadores sobre tal aspecto da cultura.

Ao falar de aspectos culturais, principalmente se tratando de um país como o Brasil, é preciso considerar o multiculturalismo aqui existente, não dá para se obter visões mínimas ou singulares de um país tão miscigenado e heterogêneo.

De acordo com Kretzmann (2007, p.5) a face multicultural do Brasil vem do seu processo histórico de colonização:

A luta multicultural está enraizada no processo histórico de formação dos países americanos, que passaram por um processo de conquista e colonização, seguido de uma política de assimilação forçada e de eliminação da identidade dos povos que habitavam as terras “descobertas”. Após o desaparecimento de grande parte da população indígena brasileira e da verdadeira segregação dos povos e culturas ditas “diferentes”, surge a consciência de que deve haver o reconhecimento e o respeito a estes povos e às suas manifestações culturais.

Refletindo-se no Brasil, a Bahia, primeiro estado a ser “descoberto” pelos portugueses colonizadores, como nos ensinam nos livros didáticos, não se difere muito do seu país quando se fala em riqueza e heterogeneidade de culturas. A Pátria Brasileira é vista como um território com etnias abundâncias, devido aos inúmeros fatos que influenciou na realidade identitária atual, como a colonização dos portugueses, os negros, trazidos da África no intuito de escravização, além dos imigrantes que, em maioria, vieram de países europeus. A Bahia foi um dos estados que, no que tange a atividade marítima, teve grande importância para o país, devido os portos das cidades como Salvador e Ilhéus, favorecendo a expansão do comércio regional e nacional.

Sabendo da importância do estado baiano e da sua pluralidade, torna-se foco para produção do trabalho, a leitura da mídia cinematográfica em relação à cultura e a

conformação dos comportamentos dos cidadãos baianos, e para a obtenção de resultados precisos é essencial um estudo ainda mais conciso e detalhado por conta da grande diversidade cultural característica da Bahia. A observação das diferentes abordagens sobre o indivíduo baiano vem através da análise de dois filmes, com o intuito de averiguação sobre o processo mediático, observando a imagem baiana mostrada nestas obras para investigar possíveis estereótipos criados sobre tais indivíduos.

Cultura e Mídia

Com o advento da modernidade e do seu projeto global, com o avanço da tecnologia e dos meios de comunicação, ocasionando na convergência das mídias, tornou-se inevitável a emergência de manifestações de diferentes culturas e povos. O motivo de tais reivindicações está no modelo opressor de dissipação da cultura capitalista ocidental. Assim pontua Kretzmann:

Diante da crise da modernidade e de seu projeto “universalista,” que se mostrou falho e inadequado, emergiram inúmeras reivindicações de diferentes povos e culturas. O ideal de justiça não significa somente a busca pela igualdade, mas o respeito à diferença, à identidade e a superação de um monoculturalismo ocidental, dominante e opressor, responsável pela atual situação de degradação ambiental e cultural (KRETZMANN, 2007, p.13).

Variando em grau, o multiculturalismo se mostra incluído em todos os países com características democráticas e mercado pós-industrial com viés globalizado. Comprovando esse pressuposto, usa-se o exemplo do Brasil que tem a miscigenação e heterogeneidade cultural como característica singular. Mesmo com essa pluralidade, é notada uma tentativa de padronização dos costumes da classe dominante ocidental.

A luta multicultural está enraizada no processo histórico de formação dos países americanos, que passaram por um processo de conquista e colonização, seguido de uma política de assimilação forçada e de eliminação da identidade dos povos que habitavam as terras “descobertas”. Após o desaparecimento de grande parte da população indígena brasileira e da verdadeira segregação dos povos e culturas ditas “diferentes”, surge a consciência de que deve haver o reconhecimento e o respeito a estes povos e às suas manifestações culturais (KRETZMANN, 2007, p.15).

Nesse contexto de dominação, a mídia, na maioria das vezes, funciona como principal propagadora das ideias que interessam ao sistema capitalista. Por meio desta que são criados, de forma indireta e não perceptível, vários estereótipos que, geralmente,

marginalizam indivíduos e culturas. Exemplo disso é a constante diminuição dos povos indígenas da aceitação social. Esse fato se dá no momento em que se percebe o distanciamento das aldeias da movimentação do mercado, o que desinteressa ao sistema.

Os meios de comunicação são fundamentais para a manutenção dos modelos culturais e das representações sociais. Através de diversos instrumentos comunicacionais, se dá a precisão e eficiência da dissipação dos ideais que dominam. Devido a esses fatos, a autora Nery desacredita na luta contra estereótipos por meio do auxílio midiático:

É através das mídias que as desigualdades raciais são naturalizadas, ratificadas e racionalizadas, tornam-se argumentos “sensatos”. É preciso deixar claro que nenhum processo de superação do racismo e do combate aos estereótipos, será realizado sem uma articulação com os jornais, a televisão, o cinema, a música e as artes como um todo. Afinal, tratam-se de meios que difundem modelos de pensamento (NERY, 2010, p.25).

Apesar da assimilação do texto citado, parecem inviáveis manifestações e tentativas de modificação sem um órgão propagador que contraponha o sistema e levante ideias revolucionárias. No entanto, a abordagem viria a partir dos pensamentos das culturas marginalizadas, sendo necessário que a disseminação seja feita por seres que partilham da ideologia, que dá importância ao real conceito de multicultural, respeitando as diversas ideologias.

Há uma gama variada de meios de comunicação presentes em tal contexto. Rádio, TV, impressos, cinema são alguns dos instrumentos que são utilizados para difundir informações. Sabendo disso e a fim de nortear, daqui pra frente, a pesquisa. O cinema torna-se foco da análise no próximo tópico, que busca investigar o processo midiático, tendo como pauta a plural cultura baiana, através da análise de filmes escolhidos.

O Cinema Baiano e seu Processo de Mediação

A Bahia, assim como o Brasil, é berço de variadas culturas e comportamentos, pode-se dizer de forma metafórica que consiste em “um Brasil dentro do Brasil”.

Sabemos que a Bahia é reconhecida, nacional e internacionalmente, como um lugar privilegiado de produção cultural. Nossas dinâmicas culturas populares perpassam de modo substantivo a cultura brasileira. Nossos artistas e intelectuais têm presença ativa na cena cultural do país e contribuem de modo relevante para a conformação e a necessária renovação da cultura brasileira. Enfim, a Bahia deu e dá régua e compasso à criação cultural nacional (RUBIM, 2012, p.67).

Mesmo com a diversidade e toda importância do cenário baiano para a cultura brasileira, algumas destas manifestações e ambientes são retratados pela mídia, e

consequentemente pelo cinema, de forma questionável, às vezes até tendenciosa, dando um aspecto “marginal”, principalmente às vivências das classes menos favorecidas. Em busca de exemplificar com clareza tais processos mediáticos, foi feita uma investigação individual de cada filme escolhido.

Ó Paí, Ó (2007)

Dirigido por Monique Gardenberg, e possuidor de um elenco respeitado no cenário do cinema nacional, com nomes como Lázaro Ramos e Wagner Moura, Ó paí, Ó, busca através do cunho humorístico, retratar a realidade baiana. A história se passa a maior parte do tempo no Pelourinho, bairro da cidade de Salvador.

Nota-se que o objetivo principal do filme é “fazer rir”, apesar de subjetivamente perceberem-se tentativas de crítica social. A imagem dos baianos mostrada no filme torna necessário um questionamento sobre a proposta de mediação feita na sua produção. Assim pontua Bezerra e Schvarzman:

[...] a dúvida sobre o que é identidade cultural ou mito paira no ar, pois até que ponto o que vemos na mídia é o retrato da realidade? A palavra baianidade representa uma Bahia folclorizada ou traduz comportamentos e hábitos culturais relacionados à origem do baiano? (BEZERRA e SCHVARZMAN, 2010, p. 102)

O exagero na forma de atuação dos personagens, muitas vezes dotados de estereótipos, pode influenciar de forma negativa e preconceituosa na imagem introjetada pelos desconhecedores da cultura baiana, ao mesmo tempo em que desvia o foco de qualquer crítica social supostamente denunciada durante a produção e andamento da obra. Segundo Nery:

[...] apelar para a construção de estereótipos - de quase todas as raças, gêneros, classes e religiões – é uma tentativa demasiadamente arriscada. Se por um lado fala-se através de caricaturas bem humoradas dos costumes de um povo sem hipocrisia, por outro, torna-se impossível compreender mazelas históricas através de personagens singulares e improváveis (NERY, 2010, p. 91).

Esse apelo citado pela autora é muitas vezes percebido no andamento do filme, caricaturas são formadas, o “submundo” de Salvador mostra a imagem do Pelourinho como um antro de humor, onde tudo é graça, até mesmo as mazelas. Por conta disso, torna-se passível de questionamentos e críticas, levando em conta o quanto uma obra midiática pode influenciar, formar ideologias e, consequentemente, “demonizar” culturas.

Quincas Berro D'água (2010)

Do mesmo gênero que *Ó pai, Ó*, o longa metragem com produção baseada no livro de Jorge Amado: *A morte e a morte de Quinca's Berro D'água*, tem Sérgio Machado como detentor da missão de além do livro, mediar também, a retratação da sociedade baiana.

Assim como na obra anteriormente comentada, o filme de Sergio Machado partilha de problemáticas parecidas. Primeiramente, deixa à mercê a sensata crítica social trabalhada por Jorge Amado que focava na hipocrisia da família burguesa tradicional, por isso, o uso do termo “morte” duas vezes no título da obra literária. A primeira morte significava a morte social, que acontece no momento em que Joaquim Soares da Cunha, deixa pra trás toda demagogia familiar e se entrega a esbórnica, passando a nomear-se Quincas Berro D'água.

Se a intenção do produtor do filme era o esclarecimento de tal crítica, a ação não se concretizou, a obra se mostra apelativa para o teor humorístico, e, novamente, através da criação de estereótipos para caracterização do ser baiano. Assim como na obra de Monique Gardenberg, Sérgio torna caricata a figura dos baianos moradores do “submundo soteropolitano”, além de manter a figura demasiada humorística dos cidadãos baianos.

Embora os filmes “vendam” a cultura baiana, o que se retrata é uma parcela de um aspecto cultural dos subúrbio de uma cidade – Salvador – e dos riscos que corremos na configuração de estereótipos que definam todo um estado que é rico no quesito multiculturalidade.

Considerações Finais

Sendo o cinema um grande propagador de ideias, idealizando histórias, trazendo novas informações sobre aspectos históricos, sociais e culturais dos ambientes mostrados, torna-se cada vez mais necessário o cuidado na mediação de qualquer cultura retratada, na finalidade que os aspectos mostrados não fujam demasiadamente da realidade vivida no ambiente apresentado.

Quando se pensa em Bahia, Salvador e os outros municípios são consolidados a imagem de um povo que se distingue dos demais estados, com seus costumes e culturas. Mas, termos como “preguiçoso”, “folião” e “cômico” podem ser automatizados pelos turistas, devido à propagação de ideias estereotipadas (festas, carnaval) em relação à verdadeira identidade do estado que é o berço da cultura brasileira.

É preciso uma mudança na atitude de algumas produtoras que devem se dispor a retratar de forma transparente a sociedade baiana, distanciando-se cada vez mais do cinema apenas mercadológico e usando a fermenta como forma de melhoramento na realidade social e na quebra de paradigmas e visões deturpadas desta cultura, além de obras cinematográficas que valorize as peculiaridades de diferentes lugares do interior, uma vez que a cidade de Salvador tem a noção pré-inicial de representação fiel dos demais municípios, sendo que, a Bahia por possui 417 cidades registradas no IBGE⁵, há regiões do estado que apresentam características tão discrepantes em relação a maior cidade do estado.

⁵ <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/uf.php?coduf=29>

Referências Bibliográficas

BEZERRA, Bárbara de Lira; SCHVARZMAN, Sheila. **Baianidade no filme “Ó Paí, Ó”: clichê ou identidade cultural?** Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 9, n. 17, jan./jun. 2010.

KRETZMANN, Carolina Giordani. **Multiculturalismo e Diversidade Cultural:** comunidades tradicionais e a proteção do patrimônio comum da humanidade. Universidade de Caxias do Sul (UCS): Pró-Reitoria de Pós-Graduação e pesquisa; programa de mestrado em direito: Caxias do Sul, 2007.

NERY, Luna Cristina Castro. **O Negro encena a Bahia:** Imagens e representações étnicas em cinco filmes baianos de ficção. Programa multidisciplinar de pós-graduação em estudos étnicos e africanos. Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2010.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. Bahia: terra da formação em cultura. In: **Políticas Culturais na Bahia Contemporânea.** Salvador: EDUFBA, 2014, p. 248, ref. 67-72.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.